**Recensão Crítica de**

**“Cinderela”: dos contos de fadas à realidade.**

**Perspectiva sobre os maus-tratos infantis**

de

Dora Simões, Paulo gama Mota e Eugénia Loureiro

Unidade Curricular de Metodologias de Investigação Educacional

Curso de Educação Básica

Ano Lectivo 2011/2012

**Docente:** José Pereirinha Ramalho

**Discente:** Ana Margarida Viegas, nº 4652

Débora Veloso, nº 4840

Gonçalo Bajouca, nº 4420

Sara Ramirez, nº4841

Tânia Coimbra, nº 4834

**Introdução:**

O estudo que decidimos trabalhar, foi realizado pela Dora Simões, Paulo Gama Mota e Eugénia Loureiro, a partir do Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra, abordando a temática dos maus-tratos infantis.

O fenómeno dos maus-tratos infantis é um fenómeno transversal, que sempre existiu, tanto nas sociedades tradicionais como nas desenvolvidas, para além disso está presente em todas as classes sociais, ao contrário do que se poderia pensar. Este fenómeno tem vertentes psicológicas, sociológicas e económicas e toda a gente o conhece mas mesmo assim continua a ser muito difícil estuda-lo, visto que é um acontecimento que acontece dentro das famílias e lá é guardado, tendo em conta a privacidade das mesmas, só em casos de violência extrema é que são descobertos, quando a criança têm de ir para a pediatria para tratar, por exemplo, fracturas ou hemorragias, o caso mais extremo deste tipo de violência é o infanticídio, que a nosso ver também deveria constar neste estudo.

O que os autores do estudo querem provar é que “(…) a presença de um pai adoptivo constitui um importante factor de risco de ocorrência de violência infantil intrafamiliar, visto que o parentesco existente entre mãe e pai adoptivos e criança é nulo, não havendo, evolutivamente mecanismos inibitórios da agressividade entre indivíduos não aparentados, como os eu existem entre parentes(…)” (in artigo). Para comprovarem ou não a sua hipótese de trabalho o grupo escolheu uma amostra de cem crianças mal-tratadas, diagnosticadas no Instituto de Medicina Legal de Coimbra, com idades compreendidas entre os 0 e os 16 anos, da Região Centro de Portugal, entre os anos de 2002 e 2003. A nosso ver a amostra deveria ser maior, mas compreendemos a dificuldade que o tema acarreta, por isso é difícil arranjar amostras, o grupo frisa ainda que foi-lhes difícil aceder aos dados organizados das crianças, através da Comissão de Protecção de Menores.

Para este feito considera-se violência infantil todas as formas de maus-tratos, violência parental ou abuso infantil. Há certamente outras formas de violência, englobando a negligência, o abandono, ou a violência psicológica que, pela sua natureza, são mais difíceis de detectar e de registo muito menos frequente.

**As Famílias e os Maus-tratos**

 A família tem um papel fundamental na vida de uma criança, pois nos primeiros anos de vida é com esta que a criança lida a maior parte do seu tempo, é com esta que aprende a comer, falar, andar. É de extrema importância visto que a família é quem lhe dá as ferramentas para a vida futura, desenvolvendo-a a nível cognitivo, psicológico, intelectual e social.

 A nossa sociedade tem vários tipos de famílias, que com o decorrer dos anos se foi alterando, existem as famílias nucleares que são as ditas “normais” composta pelos filhos e/ou pais e avós, as famílias reconstruídas, que derivam da viuvez ou divorcio dos conjugues e na qual um dos conjugues arranja outra pessoa que irá co-habitar com ela e as famílias monoparentais nas quais a criança vive apenas com um dos progenitores ou avós. A nosso ver a explicação dos tipos de família existentes na nossa sociedade é uma informação muito pertinente e como tal os autores não a deveriam ter colocado no “Material e Método”.

Como frisamos anteriormente a família tem um carácter muito privado e fechado, logo é extremamente difícil extrair informações sobre a conjuntura de uma família da mesma o que como seria de esperar torna-se um grande entrave metodológico.

Para conseguir fazer um estudo é necessário que sejam levantadas hipóteses de trabalho, e como estas são de estrema importância para o desenrolar do estudo, a nosso ver deveriam estar inseridas num subtema à parte e não dentro do “Síndrome de Lolita”. O grupo levantou três hipóteses e elas foram:

“(…) 1- Os indivíduos estão mais predispostos a investir na sua própria descendência ou em crianças aparentadas, do que em crianças com as quais não possuem parentesco;

2- O mecanismo psicológico inerente ao investimento diferencial parece ser a solicitude parental, com os pais biológicos a apresentar maior solicitude do que os pais não biológicos;

3- Espera-se, assim, que a incidência de comportamentos violentos seja maior em famílias reconstituídas, onde os elementos responsáveis pela criança não são directamente aparentados. (…)” (in artigo), o grupo pensa que as hipóteses de trabalho estão muito bem elaboradas, pois não são muito extensas nem vagas, são concretas não geram qualquer tipo de duvidas no que diz respeito à interpretação, o que é fundamental no Levantamento de hipóteses de trabalho. Para além disso estão de acordo com a bibliografia consultada.

Para validar ou não as hipóteses o grupo recolheu dados que posteriormente analisou, a recolha de dados incidiu sobre quatro domínios, sendo eles os seguintes:

“(…) 1- Grupo doméstico de pertença da criança – cujo objectivo era recolher informações sobre a composição e a dimensão do grupo domestico, as características socioprofissionais dos indivíduos que compõem o agregado, a posição da criança na fratria e a situação conjugal dos progenitores.

2- Perfil do agressor – incluindo dados sociobiográficos, que permitissem perceber a presença de alguma relação de parentesco com a criança, se era portador de “handicap” físico ou mental e finalmente se consumia substâncias (álcool/droga).

3- Perfil da criança – dados referentes à sua biografia, presença ou ausência de “handicap” e dados alusivos à gravidez.

4- Gravidade do mau-trato – tipo de mau-trato perpetrado e sua gravidade com base na classificação proposta por Canha (2003). (…)” (in artigo). No que diz respeito à forma como o grupo recolheu dados não temos nada a dizer, pois a nosso ver as questões incidiram sobre os pontos chaves, mas no que diz respeito a fiabilidade do estudo temos a dizer que a sua fiabilidade é razoável, segundo a classificação de Maroco, visto que só a partir do alpha 0,8 é que podemos considerar que a fiabilidade é boa, neste caso especifico o alpha é de aproximadamente 0,7, o que não é mau para um estudo desta dimensão, tendo sido mesmo publicadas as suas conclusões no Correio da Manhã (ver anexo 1), desta forma podemos verificar que este estudo teve algum impacto cientifico, se não não era noticiado.

**Conclusões do Estudo**

Para analisar os dados recolhidos o grupo fez uma análise descritiva, através de uma tabela de frequências, usou o teste de aderência x², podendo desta forma comparar os resultados desta amostra com a população da região e usou também dois testes não paramétricos um que faz comparações entre doiss grupos e outro que faz entre mais grupos, o Mann-Whitney e o Kruskall-Wallis e posteriormente ainda fizeram o teste de Tukey.

Os resultados foram apresentados em tabelas, usando apenas um gráfico ao qual chamam figura, em vez de gráfico, segundo o que aprendemos na unidade curricular de Probabilidades e Estatística os gráficos são os elementos que fazem com a leitura de resultados seja mais rápida e fácil, visto que num simples olhar, não muito atento conseguimos verificar logo qual é a maioria e a minoria, enquanto que numa tabela temos que fazer a leitura completa para angariarmos os dados que queríamos. Para além disso o único gráfico apresentado não é extremamente perceptível, pois não se compreende quantos casos existem de rapazes mal-tratados fisicamente assim como é extremamente difícil compreender o número de casos de raparigas mal-tratadas sexualmente. Falando-se de ambos os géneros os autores deveriam ter colocado a barra representante do sexo feminino de cor de rosa e a que representa o sexo masculino de azul, esta é outra estratégia para aclarar a leitura gráfica.

As conclusões a que chegaram foram que os maus tratos são mais dirigidos a crianças do sexo feminino do que masculino, sendo a percentagem de 67 para 33%, para além disso os abusos são mais frequentes entre os dez e os dezasseis anos com uma percentagem de 62 para 21 dos seis aos nove anos de idade.

Ambos os sexos sofrem um nível semelhante de abuso físico, mas no que diz respeito ao abuso sexualmente as raparigas são as principais agredidas.

Nos cem casos usados como estudo 73% apresentam um quadro clínico grave, de tipo 3, 26% apresentam um quadro clínico de gravidade moderada, tipo 2, apenas 1% de gravidade ligeira.

Desta forma o grupo conseguiu validar as suas hipóteses pois verificou que o maior agressor co-habita com a criança, é do sexo masculino e não tem nenhuma ligação parental com a criança. A hipótese de trabalho mais plausível é “(…)a ocorrência de maus-tratos sobre as crianças parece residir num efeito colateral relacionado com a ausência de laços de vinculação estabelecidos desde o nascimento que deveria induzir a fenómenos de inibição da agressão relativamente à progénie. A acrescentar, parece haver, por alteração das condições sociais, uma desregulação desse mecanismo de inibição, mesmo nos progenitores biológicos (…)” (in artigo).

**Conclusão:**

A nosso ver varias pequenas falhas a nível metodológico foram encontradas neste artigo, ocorreu mais de uma vez termos que fazer uma pesquisa paralela para compreendermos alguns termos utilizados e sentimos que havia informação, que a nosso ver, seria relevante e não foi dada, como é o caso do número de crianças maltratadas por idade, visto que os autores apenas frisam que existem cem crianças entre os zero e os dezasseis anos mal-tratadas, ficamos sem compreender quantas existem por faixa etária. Outro exemplo da informação não estar bem explicita é o caso da expressão “(…) na amostra predominavam famílias de tipo nuclear (…)” (in artigo), realmente compreendemos a expressão mas só ficamos a compreender quantas famílias ditas “normais” existem após fazermos um calculo.

Compreendemos a dificuldade no estudo de uma temática tão difícil e onde toda a informação é confidencial mas achamos que os autores deveriam ter abordado os abusos emocionais apesar de ser bastante difícil indentificá-los, mas segundo Corsi, 1995, 33 os maus tratos infantis são divididos em formas activas e passivas e a criança que testemunha a violência, sendo o tipo de abuso de carácter físico, emocional e sexual e o abandono físico e emocional.

Por último pensamos que um enquadramento geográfico deste problema seria uma mais valia, visto que o método cientifico, necessita de bases para ser bem trabalhado e para isso deve ser feito uma recolha de informação inicialmente macro e tornando-se micro. Seria uma mais valia falar sobre os maus-tratos em Portugal, assim como ter frisado Kempe e al, 1962 que foi o primeiro autor a escrever sobre o tema e segundo as leituras que fizemos para compreendermos realmente este fenómenos achamos que Russel e Wolfe são dois autores muito completos sobre este tema.

Para enriquecer o trabalho o grupo poderia ter colocado algumas sugestões de como prevenir e detectar os maus tratos infantis (ver anexo 2).

**Bibliografia:**

● GALLARDO, José António. “Maus tratos à criança”. Colecção *Crescer 13 –* Porto Editora, LDA – 1994;

● ALARCÃO, Madalena. “(des) Equilíbrios Familiares”. Colecção *Psicologia Clínica e Psiquiatria nº. 16 –* Quarteto Editora 2ª edição;

**●** MACHADO, Carla e GONÇALVES, Rui Abrunhosa. “Violência e Vítimas de Crimes” – Volume 2 - Crianças. Colecção *Psicologia Clínica e Psiquiatria nº 14 -* Quarteto Editora.

● MOREIRA, Paulo. “Guia do Educador face aos maus-tratos” – Porto Editora, 2007.

● ALMEIDA, Ana Nunes, ANDRÉ, Isabel Margarida e ALMEIDA, Helena Nunes. “Famílias e maus-tratos às crianças em Portugal – Relatório Final”. Assembleia da República – Lisboa 2001.

**Artigos:**

● Adaptação: Forum Municipal de Casciais contra a Violência Domesica. Tradução: Associação de Beneficiencia Luso-Alemã (ABLA). “Manula para Educadores de Infância – Crianças expostas à Violencia Doméstica”.

● Adaptação do manual **“El papel del Ámbito Social en el abordaje de Situaciones de Desprotección Infantil” elaborado pela Generalitat Valenciana, Consejería de Bienestar Social –** “Promoção e Proteção dos Direitos da criança – Guia de orientações para os profissionais da educação na abordagem de situações de maus tratos ou outras situações de perigo”.

**Webgrafia:**

● <https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/handle/10316/13734>;